

CONCLUSÃO

3. O resultado da Conferência

Como falar de resultado, se não se publica nenhum documento conclusivo e com decisões claras sobre o que pensar e fazer? O Arcebispo de Cantuária, em sua mensagem final, constatava: “Podemos não ter resolvidos todos os nossos problemas, mas as peças estão sobre a mesa”. E alertava: “Nossa Comunhão anseia por permanecer unida, mas não apenas como uma associação de polidos amigos”. Na constatação e no alerta estão as duas grandes tarefas dos tempos a seguir.

O mais importante e mais saboroso fruto da Conferência foi a experiência espiritual que cada qual de nós fez durante o decurso do processo de convivência, em idas e vindas através dos recintos e da imensidão de verde do campus da Universidade de Kent. Sentimos de maneira muito intensa qual é o “gênio” da Comunhão. Antes de tudo, somos e devemos tornar-nos ainda mais uma Igreja orante. O retiro inicial foi experiência espiritual profunda, de que deram testemunho muitas pessoas. O Arcebispo nos ajudava a pôr nossos problemas na moldura sublime e entusiasmante do discipulado. Para além de nossas tarefas institucionais e públicas, há uma condição íntima e pela qual somos tremendamente responsáveis: cada qual de nós é discípulo ou discipula de Jesus. Sua missão e Seu destino pessoal, com isso está comprometida até o fim nossa vida. A Igreja não é um ente abstrato, nem sobretudo um conjunto de instituições acima de nós. A Igreja é cada qual de nós no caminho de seguir a Jesus, e essa jornada, nós a cumprimos em comunhão, em mútua escuta e paciente tolerância, carregando a responsabilidade de uns pelos outros. “Discípulo solitário não é discípulo”. E nossos olhos e ouvidos têm de estar constantemente dirigidos àquilo que o mundo em nome de Deus pede de nós, como aquele macedônio que chamava o Apóstolo: “Vem, passa para cá e ajuda-nos” (At 16, 9).

Todas as celebrações litúrgicas foram cuidadosamente preparadas para criar em nós o “sagrado espaço” interior, avivar o olhar e os ouvidos com a luz e o sopro do Espírito, de modo que nos dispuséssemos espiritualmente (quer dizer, “em Deus”) a enfrentar o tema do dia, com prontidão para aproveitar a liberdade de falar e com capacidade de escutar. E voltava sempre o fio que tudo costurava ou pretendia enlaçar-nos: a paixão pela unidade da Igreja em sua maravilhosa diversidade, e sempre insistentemente chamada a oferecer-se, como Jesus, “para que o mundo tenha vida e vida em abundância” (Jo 10, 10). A agenda da Igreja tem de ser a das necessidades do mundo em cada tempo da história e em cada contexto de vida dos povos. Por isso, elemento constante da Tradição é sempre a disposição de e a capacidade de, na continuidade de uma identidade que se mantém, sempre “aprender a aprender”, na plena confiança de que “o Espírito da Verdade nos conduzirá a toda a Verdade” (Jo 16, 13).

A Conferência, de certo modo, não foi “eficiente”. Não resolveu imediatamente nossos problemas, não definiu o que pensar e o que fazer, nada condenou e não cessaram nossas divergências. Mas mostrou-se tremendamente “eficaz”. Os meios de comunicação e boa parte da própria Igreja chegaram a Cantuária com expectativas pessimistas. A Comunhão Anglicana parecia não poder resistir às tensões que a pressionam no momento, não resistiria a mais esse embate. Em sua mensagem

inaugural, o Arcebispo o resumia de maneira paradoxal, tranqüila e dramática. Tranqüila porque com plena confiança em Deus, é em Suas mãos que está nosso destino. Dramática, porém: A Comunhão Anglicana é um dom para toda a Igreja de Cristo; Deus o confia a nossas mãos; o que queremos fazer com isso? Seria lamentável deixar que essa preciosa herança nos escapasse das mãos e quanto prejuízo para tanta gente pelo mundo afora, sobretudo para quem é mais fraco e pobre e necessita do fraterno suporte de uma comunhão mundial!

Qual o resultado, que em certa medida surpreendeu a muita gente? O processo vivido no dia-a-dia da Conferência avivou e fortaleceu em nós o desejo de unidade. Ninguém se sentia feliz ao enxergar no horizonte nuvens que o ameaçassem. Foi possível experimentar uns nos outros algo difícil de ponderar com exatidão, mas real e profundo, que nos faz sentir-nos de uma mesma família, algo em que nos reconhecemos uns nos outros, um nítido traço comum que nos identifica e que não gostaríamos de perder. O desafio agora é que o “desejo” de unidade produzido seja forte a ponto de produzir o compromisso de nos comprometer-nos com os mecanismos concretos que venham fortalecer de fato a unidade já existente e possam servir para restabelecer pontes porventura por ora caídas.

A partir de agora, toda a Igreja, a começar de nós, bispos e bispas, mas envolvendo a todos e todas – clero e povo, temos algumas “tarefas de casa” a cumprir. Sem dúvida já há um sentimento de urgência, ou até já estamos a braços com essas tarefas, mas agora nosso esforço tem de ser redobrado.

A primeira de todas: temos de aprofundar a meditação e o estudo da Bíblia. A hermenêutica bíblica tem de ser foco prioritário de atenção. A Igreja inteira tem de concentrar-se nas Escrituras, lidas com atenção à Tradição milenar da Igreja e com o auxílio da Razão, das Ciências e também da Experiência de vida das pessoas e dos grupos humanos. Esse senso da realidade é algo muito típico do “ethos” anglicano. Não para que a Revelação de Deus “se adapte” à cultura ou à mentalidade de nossa época, mas para escutar com fidelidade o que Deus nos quer dizer *em nossa época*, em que nos está a julgar e qual a boa-nova que nos deseja comunicar hoje, em cada contexto de vida. A Palavra de Deus é viva e atual, Deus nos fala hoje em nossa vida. A Bíblia é o testemunho clássico da experiência histórica da Palavra e por isso a referência fundante para toda a nossa caminhada. Dela recolhemos os critérios para contemplar o que Deus opera entre nós e para escutar o que nos está a dizer. É o testemunho de nossos pais e mães na fé que nos transfigura os olhos e nos abre os ouvidos. Temos de ser um povo cada vez mais estudioso da Bíblia e apaixonado pela visão que dela brota e se nos transmite, para que nossos conflitos não sejam fruto de ignorância ou de arrogância, mas da busca honesta e crítica de quem se deixa iluminar pelos meios que Deus nos põe à disposição.

A novas perguntas já não basta responder com certezas forjadas no passado; doutro lado, negaríamos nossa identidade se, com superficialidade, olhássemos para a Tradição como algo simplesmente a descartar. Só seremos sábios se formos inteligentes, e o exercício da inteligência se faz pela aplicação da Razão e de seus recursos aos novos problemas que nos desafiam, com prudência, para não resvalar no erro, mas sem medo da verdade da realidade, a qual, cedo ou tarde, é chamada a revelar-se. E não é por nossas idéias ou desejos que Deus se revela, mas pelos processos da realidade da vida.

A segunda grande tarefa é enfrentar os desafios éticos levantados por nossa época à consciência humana. As chamadas “Metas do Milênio” podem muito bem constituir um compêndio do que a humanidade de hoje exige de nós. A Comunhão Anglicana em suas instâncias internacionais já as abraçou claramente. Em Londres marchamos juntos pelas ruas para declarar nosso compromisso. Agora, resta-nos às dioceses e províncias dedicar-nos com afínco e encaminhar nossa ação social e política na mesma direção. Nossa Igreja é ainda por demais centrada sobre si mesma e concentrada em tarefas cultuais. A profecia bíblica nos chama comprometer-nos com o mundo de Deus e nos diz claramente onde se exerce a “verdadeira religião”. Baste-nos ler os profetas, observar os gestos e as palavras de Jesus e de seus discípulos (cf Miquéias 6, 6-8; Mt 25, 31-46; Rm 12, 1-2; Tg 1, 26-27). Nunca como hoje a responsabilidade pelo destino da vida esteve tão decisivamente nas mãos das pessoas comuns. É nessa ampla moldura dos problemas humanos atuais e de nossa responsabilidade ética que os aspectos ligados à sexualidade devem ser encarados. O princípio da justiça está a exigir que vamos ao encontro e manifestemos acolhida e carinho para com todas as pessoas, particularmente aquelas que têm sido discriminadas, desprezadas e excluídas. As minorias têm de ser incluídas. A grande pergunta é como definir a maneira de fazê-lo. Aqui é que se tem dado o grande conflito na Comunhão Anglicana em relação às questões da sexualidade.

Finalmente, a terceira grande tarefa. Está claro que a unidade básica da Igreja é a diocese. Aí se dá a Igreja local e, como se diz na Tradição, cada Igreja local é “catholica”, pois nela se realiza e se celebra a totalidade do mistério da salvação. Ser “catholico” quer dizer ser segundo a totalidade. É por isso que em cada Igreja está presente a Igreja toda, a Igreja em sua totalidade. É esse o fundamento da autonomia diocesana e, por decorrência, provincial. Mas, se é certo que cada Igreja é toda a Igreja, ela não o é totalmente. Só é toda a Igreja enquanto está em comunhão com a totalidade da Igreja, ou seja, enquanto reconhece sua relatividade, isto é, sua relação com a totalidade. Aqui, o fundamento para a interdependência. Por isso, pura autonomia não é um conceito teológico positivo, é pecado, uma vez que estamos sempre na dependência de Deus e uns dos outros, estamos permanentemente em regime de aliança. A estrutura da vida é coletiva e universal, queiramos ou não. Nestes próximos tempos, como Comunhão Anglicana, deveremos refletir e aprofundar o conceito teológico e sociológico de interdependência. Como defender unilateralmente a autonomia e não ter em conta o efeito de nossas ações locais num mundo em que basta tocar uma tecla de computador e você está em contacto com o outro lado do planeta; Cada vez mais somos unidades interdependentes. Pensemos, por exemplo, no que se dá no que diz respeito ao meio-ambiente. Usar automóvel em algum lugar da terra afeta o “efeito estufa” que ameaça a terra inteira, o mesmo se diga das indústrias... Cada vez mais, temos de tomar consciência de que é global a responsabilidade ética de nossas ações locais, a começar da água que usamos em nossas torneiras de casa.

4. Perspectivas concretas

Ao tratar-se de interdependência, a grande pergunta é como estabelecer referências eficazes em vista de manter a unidade da Comunhão. Como dar eficácia e “autoridade” aos “laços de afeição e lealdade”;

A unidade básica da Igreja é a diocese, daí a autonomia da Igreja local. Mas acontece que as dioceses sentem necessidade de articular-se em províncias e esse laço é vinculante. Temos os sínodos provinciais inclusive com autoridade legislativa canônica. Muitos se perguntam se não deveríamos ter algo análogo no âmbito da Comunhão

mundial. Como resistir aos inúmeros fermentos de desagregação de nossa época, sem mecanismos mais definidos de articulação global? Como dotar a Comunhão Anglicana de mecanismos “autoritativos” sem que sejam necessariamente “autoritários”? Se a autonomia tem a sua expressão concreta nas estruturas diocesanas e provinciais, qual seria a maneira de exprimir em estruturas a interdependência para desse modo preservar a unidade naturalmente sempre ameaçada?

A partir de agora, a Igreja inteira vai ter de refletir intensamente sobre isto. Sobre a mesa acham-se vários dados: não é preciso fortalecer os chamados “instrumentos de unidade” (o Arcebispo de Cantuária, a Conferência de Lambeth, o Conselho Consultivo Anglicano e o Encontro de Primazes)? As Igrejas da Comunhão necessitam ou não de afirmar em que se acham realmente unidas e comprometer-se com manter-se unidas através da observância dessas referências que as identificam como “anglicanas” (o “Pacto Anglicano”)? Não se faz necessária uma estrutura mínima para a mediação de conflitos, algo como o que se está querendo chamar de “fórum pastoral”? Para o mais imediato, propõe-se a moratória: suspender ordenação de qualquer pessoa que viva relação de parceria homossexual; suspender autorização de bênção para uniões de pessoas do mesmo sexo; suspender qualquer ação que signifique interferência em outras províncias (violação de jurisdição provincial ou diocesana).

5. Nossa Diocese

Tive a oportunidade de muitos e variados contactos. Nossa Diocese se tornou mais conhecida e sua situação melhor explicada. Fiz muitas relações interpessoais com colegas de outros países. É possível que venha a acontecer alguma nova relação de Companheirismo em Missão.

Vamos orar por isso e educar-nos para viver adequadamente essa bela dimensão de nossa identidade “catholica”, isto é, de nos sentirmos numa Igreja que é universal, de muitas raças, línguas e culturas. Madalena me dizia que este foi um dos aspectos que mais a impressionaram, sentir-se numa Igreja que pode viver com liberdade essa beleza incrível da diversidade de cores, de ritmos, de estilos, de idéias... Que a Trindade seja realmente nosso modelo: unidade na diversidade, ela que é fonte e princípio de nosso ser e de todo o universo!

Deus nos abençoe!

+ Sebastião Armando, Bispo Diocesano

Recife, 15 de Agosto de 2008

Festa da Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo